

# Totalidade e pragmatismo teórico: ciência, guerra e educação

Marcelo Micke Doti<sup>1</sup>

319

## Resumo

O artigo insere-se dentro de uma problemática cada vez maior dentro do atual estágio do desenvolvimento econômico global e especialmente nacional. Diante de contexto socioeconômico, cultural e educacional no qual as relações sociais pautam-se cada vez mais pelo imediatismo (instrumentalização) e sua praticidade dada a acelerada necessidade de acumulação de riqueza, enfoques restritivos dentro da pesquisa fazem perder a ordem do processo educativo como totalidade. Em outros termos, a educação é uma relação social e, como tal, submetida às mesmas lógicas das determinações da sociedade: esta perde cada vez mais as capacidades de entender dinâmicas mais complexas dos seus próprios processos; na educação perde-se, então, as relevâncias da teoria e da formação como desenvolvimento de subjetividades e não do eu. Ao invés de redes formam-se paredes e a “educação para a guerra” torna-se o paradigma de todo o processo formativo.

**Palavras-chaves:** Teoria; totalidade dinâmica; “Educação para a guerra”.

---

<sup>1</sup> Professor e pesquisador em regime integral (RJI) do CPS (CEETEPS) do Estado de São Paulo na Faculdade de Tecnologia (Fatec/Campus Mococa) e psicanalista (em formação). Formado em Ciências Econômicas (Unesp/FCLAr), mestrado em Filosofia Política (Unicamp/IFCH), mestrado em Sociologia (Unesp/FCLAr), doutorado em Planejamento de Sistemas Energéticos (Unicamp/FEM) e pós-doutorado em Pesquisas Energéticas (UFABC/CECS). | [marcelo.micke@uol.com.br](mailto:marcelo.micke@uol.com.br)



**Resumen**

El artículo se enmarca en una problemática cada vez más creciente dentro de la actual etapa de desarrollo económico global y especialmente nacional. Frente a un contexto socioeconómico, cultural y educativo en el que las relaciones sociales están cada vez más guiadas por la inmediatez (instrumentalización) y su practicidad ante la necesidad acelerada de acumulación de riqueza, los enfoques restrictivos dentro de la investigación hacen que el proceso educativo pierda orden en su conjunto. En otras palabras, la educación es una relación social y, como tal, sujeta a la misma lógica que las determinaciones de la sociedad: la sociedad pierde cada vez más la capacidad de comprender dinámicas más complejas de sus propios procesos; En educación se pierde la relevancia de la teoría y la formación como desarrollo de las subjetividades y no del yo. En lugar de redes, se forman muros y la “educación para la guerra” se convierte en el paradigma de todo el proceso de formación.

**Palabras clave:** Teoría; totalidad dinámica; “Educación para la guerra”.

**Abstract**

This article is part of a growing problem within the current stage of global and especially national economic development. Given the socioeconomic, cultural and educational context in which social relations are increasingly guided by immediacy (instrumentalization) and their practicality given the accelerated need to accumulate wealth, restrictive approaches within research cause the order of the educational process as a whole to be lost. In other words, education is a social relationship and, as such, subject to the same logic as the determinations of society: society increasingly loses its capacity to understand more complex dynamics of its own processes; in education, the relevance of theory and training as the development of subjectivities and not of the self is lost. Instead of networks, walls are formed and “education for war” becomes the paradigm of the entire educational process.

**Keywords:** Theory; dynamic totality; “Education for war”.

**Agora eu me tornei a morte,  
destruidora de mundos**  
(*Bhagavad Gita*)

**Introdução: a problemática do pragmatismo**

A citação inicial é conhecida há muito dentro da tradição escrita sânscrita. Trata-se de uma passagem do *Bhagavad Gita* que é uma escritura hindu de 700 versos concentrando-se em um diálogo entre um grande príncipe guerreiro chamado Arjuna e seu cocheiro, Senhor Krishna, uma



encarnação de Vishnu. Enfrentando um exército inimigo contendo seus amigos e parentes, Arjuna está dividido. Neste momento Arjuna pede a Krishna que revele sua forma universal. Krishna concorda e, no verso doze do *Gita*, ele se manifesta como um ser sublime e aterrorizante de muitas bocas e olhos. Porém, nos últimos meses, a citação foi lembrada por outro motivo: o excepcional filme de Christopher Nolan, *Oppenheimer*. Efetivamente, em 16 julho de 1945, após a primeira detonação nuclear da história, o físico – para usarmos uma expressão cara ao romantismo – *genial* lembra do *Gita* e exprime o que se passa pelo espírito de todos ali presentes. “Se o brilho de mil sóis explodisse de uma vez no céu, seria como o esplendor do poderoso”, foi a tradução de Oppenheimer daquele momento no deserto do Novo México. Daí a citação deste ensaio, bem como o que se passou pela cabeça de Oppenheimer. No entanto, o filme revela mais e revela o que é nosso foco neste escrito: a física quântica só adentra o território e a física praticada nos Estados Unidos por meio de seu pragmatismo. Em outros termos: não havia praticamente física teórica nos EUA e isso é revelado através do filme de Nolan com muita ironia. Assim, o conhecimento e estudo das estruturas da matéria só viriam à luz – com todo o trocadilho fisicamente possível aqui – na grande potência do norte por meio da guerra, do uso imediato e “pragmaticista” da teoria da física moderna.

Para enfrentar este tema, ou seja, enfrentar a subordinação da teoria e das articulações da totalidade do conhecimento, o grande fluxo das mediações hegelianas e que Marx irá colocar em toda a sua obra, para enfrentar a decrepitude do conhecer ao pragmático mundo da guerra e dos negócios, da educação reduzida a “construção de blocos de conhecimento” e não a grande tradição da formação – *Bildung* – será necessário um caminho mais longo. Somente então poderemos falar não simplesmente do complexo industrial-militar, mas o que está em sua base: o esquecimento das cadeias complexas do movimento do capital e suas produções ideológicas, simbólicas, imaginárias e culturais. Mais: como a ciência e a tecnologia subordinadas ao capital e uma de suas formas mais inescrupulosas, a guerra e seu complexo industrial, se transformaram em processos educacionais “viciados” e muito distante de qualquer antigo ideal revolucionário, humanista e iluminista. Da promessa de emancipação adentramos no domínio da subjetividade e de uma educação cuja única finalidade é a reprodução do capital. Quando a isso associamos a guerra e sua perversa lógica em termos de complexo industrial-militar, temos os



enormes perigos geopolíticos – pois deixamos neste ponto as estruturas reais e discursivas da economia para as ações efetivas de uso das armas e controle dos territórios – além de toda uma prática educacional e científica que prima por, essencialmente, dois aspectos: imediatismo do conhecimento no mesmo ritmo de produção do capital com perda da totalidade das determinações e a impossibilidade dos controles sociais e populares sobre as condições da produção científica e tecnológica – quando não se controla a ciência e a tecnologia é extremamente fácil os absurdos da “Terra Plana”, “negacionismo”<sup>2</sup> e idolatria da tecnologia.

Oppenheimer estava certo em sua declaração após a primeira explosão nuclear e o controle das potencialidades da matéria que a física moderna (relativística e quântica) abriam. Não simplesmente citando o *Bhagavad Gita*, mas afirmando o que eles (todos os envolvidos no Projeto Manhattan em Los Alamos) sabiam: o mundo não seria mais o mesmo. Somente não podiam imaginar – e não se pode “flagelar” ninguém por não entender ou *complexificar* uma totalidade *ex ante* – todas as implicações possíveis em outros campos da realidade e do mundo discursivo.

### **Capitalismo: modo de ser o mundo**

O desenvolvimento do modo capitalista de produção trouxe desde seus processos iniciais de internalização da produção europeia de riquezas (Arrighi, 1996) uma “vocação” para o empírico, para a resolução tão somente de problemas voltados à produção. Diante disso, o conhecimento e a razão instrumentalizam-se de forma perigosa e problemática. No *Conflito das Faculdades* Kant (2021) já se indagava sobre a necessidade da filosofia diante de formas de conhecimento, discursos, disciplinas que já possuem seu *lócus*

---

<sup>2</sup> Fundamental lembrar que a palavra/expressão “negacionismo” é falsa e, ao usá-la, entramos, “embarcamos” no próprio bojo ideológico e de poder simbólico da extrema-direita. Em outros termos: inserimo-nos em um jogo – um Fla-Flu, para usar uma linguagem comezinha, mas que sintetiza perfeitamente a ideia – no qual se está de um lado ou do outro, acredita-se ou não se acredita. Logo, toda construção teórica converte-se em uma simples aposta, quando, na verdade, não temos “negacionismo”, mas ignorância sem paixão – muito diferente da paixão da ignorância lacaniana – ignorância com ódio, supremo desprezo à construção teórica e à paciência de construir conceitos. O “negacionismo” deve ser colocado em seu devido lugar: desprezo pelo conhecimento e um puro “achismo”, para usarmos outra expressão cotidiana.



social definido diante das “massas”. Em outros termos, disciplinas ou vertentes discursivas específicas e aplicadas na condução do bem do Estado e da população como é o caso do direito, da medicina e da teologia.

Com o desenvolvimento do capitalismo como constante processo de afirmação de sua forma econômica e, portanto, de seus “tentáculos” sobre a produção de toda a realidade social em todas as suas expressões, a “tentação do empírico” como império acaba se conjugando com a validação insuperável da produção de conhecimento *útil*. Neste momento aparece uma questão ética de enorme relevância: o que é o útil? Se deixarmos a reprodução do capital falar – neste ponto usamos metaforicamente a expressão falar e ao mesmo tempo se trata de um recurso de estilo, pois é uma maneira de produzir uma escrita que alcance determinada articulação mental como um diálogo – sua voz será sempre a mesma: “útil é aquilo que produz mais, acelera e torna mais efetiva a produção, gera renda, emprego, trabalho, gera riqueza social produzindo maior bem-estar social”. A fala do capital não é errônea, pois é a *sua* fala, a expressão do seu modo de ser. Logo é útil e aplicável o que ele – capital e sua forma social: capitalismo – diz que é. O núcleo duro de sua verdade e de seu horizonte é justamente esse. A teoria terá seu valor, assim como a formação acadêmica, desde que seja para produzir utilidades e *utilitarismo*.<sup>3</sup> No entanto, a fala acima possui, em sua essência, problemas. Antes de abordá-los seria conveniente explicar neste momento um pouco da dinâmica do capital e seus processos.

---

<sup>3</sup> O utilitarismo é uma família de teorias das consequências ligada principalmente aos nomes Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873). Configura-se como teoria ética no sentido de que as ações são boas quando tendem a promover a felicidade e más quando tendem a promover o oposto da felicidade. Economicamente o utilitarismo pode ser entendido como princípio ético no qual o que determina se uma decisão ou ação é correta, é o benefício intrínseco exercido à coletividade, ou seja quanto maior o benefício, tanto melhor a decisão ou ação será. Isso significa que o útil é produtor de valor, mas sem que se conjugue com isso problemáticas como o significado de valor e sua teoria, valor e riqueza e suas relações com classes sociais e, portanto, concentração e centralização de renda, o valor e a riqueza como inflexões do poder de decisão das forças produtivas e, com isso, das formas pelas quais e em que linhas ocorrerá o desenvolvimento econômico e para quem ele atende com seus interesses. Neste sentido, verifica-se no utilitarismo e no útil aquilo que o é para determinada inscrita social e suas desigualdades isolando problemáticas culturais, políticas, lutas sociais etc.



Põe-se o capitalismo como configuração social sistemática. Isso significa existir em sua forma própria de *ser* ao mesmo tempo em um alcance para além das teias e condições do capital e sua lógica, bem como existir de maneira a formar uma totalidade, uma articulação de muitas, quase infinitas determinações. Neste sentido o capitalismo é um *sistema*: congrega em sua permanência de ser ao mesmo tempo as mais diversas instâncias sociais – desde o indivíduo e sua complexidade até os domínios sociais mais amplos da política, da economia e teoria econômica, da sociedade, das famílias, das formas e modos culturais, costumes, moral e ética – até a absorção de espaços geográficos cada vez mais amplos e submetidos tanto à lógica do capital como às configurações e formas de dominação do capitalismo, com destaque especial na atualidade para os contornos neoliberais e suas consequências vistos adiante neste artigo.

A lógica de produção do capital é muito simples<sup>4</sup>, mas possui um longo histórico para chegar a se concretizar como capitalismo. Em seu núcleo duro o capital é uma lógica produtiva e sistemática de produção de mercadorias (bens)<sup>5</sup> e serviços por meio do trabalho assalariado tendo o

---

<sup>4</sup> Entenda-se bem: lógica e não sua realidade, ontologia. Entre o lógico que é processo “filtrado” por inúmeros processos intelectuais e a realidade há distâncias impressionantes. Kant distinguia entre o objeto (em alemão *das Objekt*) que já é algo dado à consciência por meio de processos intelectivos e o completamente real e não filtrado por nenhum processo cognitivo, o que se opõe completamente: *der Gegenstand*, ou seja, aquilo que é contrário (*gegen*), posto como obstáculo. *Gegenstand* também pode ser posto e traduzido como “coisa” (*das Ding*) que em Freud assume o papel de inapreensível. O essencial desta colocação como rodapé é demonstrar que a simplicidade do lógico é tão somente fetiche: há nele todos os processos sociais, históricos, culturais formadores da complexidade social. A oposição feita entre lógico e ontológico está bem distante da distinção feita por Lukács entre ontológico e gnosiológico, mas não cabe neste momento descrever (Lukács, 1981).

<sup>5</sup> A palavra “bens” é, de certa maneira, “espertamente” colocada dentro da ética do capital. Em partes para melhor esclarecer: em primeiro lugar a palavra ética vem sendo tratada ou abordada na atualidade de maneira totalmente errônea. Aparece como um conjunto de regras como “tal pessoa não tem ética” ou “ética empresarial”. Ética é o entendimento e o estudo do estar-no-mundo-com, ou seja, é o processo e ao mesmo tempo o estudo (um não se distingue do outro, imbricados que estão) da interação social dos sujeitos. Isso significa estar inserido nos laços discursivos, na fala, na interação social. Há um campo infinito de explicações, mas não suportável em uma nota de pé de página. Em segundo ponto ou instância: falar que uma mercadoria ou serviço é um *bem* ou *valor* é aglutinar na produção econômica todos os princípios éticos tratados desde a filosofia clássica grega. É a mercadoria um bem



lucro como parte do processo, mas como objeto geral e metódico a reprodução do sistema na forma de capitalismo promovendo a acumulação de capital. Para melhor definir de maneira simbólica e mnemônica pode-se inscrever o capital como possuindo a seguinte expressão lógica:

$$D - M - D'$$

Nesta pequena formulação elaborada por Marx (1985) no capítulo primeiro (livro I) de *O Capital*, o *D* inicial é capital na forma dinheiro – lembrando que capital é elemento constitutivo do sistema<sup>6</sup> e constantemente metamorfoseado em suas diversas fantasmagorias: ora dinheiro, ora máquinas e equipamentos, ora ativos financeiros de alta volatilidade, ora a atenção e a psique dos consumidores e trabalhadores entre outras metamorfoses. O elemento *M* é a mercadoria, resultado de processos produtivos. Em outros termos, o capital inicial (*D*) precisa contratar força de trabalho, investir em capital fixo e todas as estruturas produtivas para que a pequena e singela passagem entre *D* e *M* possa ocorrer. Evidente para qualquer leitor atento à questão central neste ponto: trata-se de processo, ou seja, entre o investimento inicial (*D*) e a produção da mercadoria (*M*) há um lapso temporal maior ou menor de acordo com os tipos de mercadorias produzidas, sua escala, sua complexidade, seu luxo ou condescuidade etc. Por fim *D'* é o final do processo e da consecução

---

ou valor dentro de uma sociedade cuja lógica é tão somente marcada e mascarada (no sentido de escondimento, esconder a face) pelo utilitarismo universal, pelo reino da mercadoria como princípio ético. No escopo desta crítica, mercadoria deveria ser apenas produto do trabalho e essencialidades da vida.

<sup>6</sup> Cumpre colocar uma nota para chamar a atenção de elemento central: a palavra *sistema*. Ela aparece várias vezes e sempre aparecerá, ainda mais dentro da temática apresentada neste ensaio. Sistema do capital ou capitalismo, pois interligado em todas as instâncias sociais (sem prevalências e determinismos de um materialismo restritivo: não “vertical”, mas sim “horizontal” e rizomático) e de forma cada vez mais mundializada. Por isso a *totalidade* como método deve ser imperativa e, em nível educacional, isso se aplica na pluralidade de abordagens inter, trans e pluridisciplinares. Por este motivo o título do artigo: impossível qualquer pesquisa aplicada sem teoria e nenhuma teoria é somente teoria – até para os “pouco avisados”, a metafísica filosófica está longe de ser especulação fantasística. O enlace dinâmico da totalidade dos determinantes é que garante uma formação abrangente e capaz de resolver problemas, tanto para o docente como para o discente.



temporal: é o capital inicial ( $D$ ) acrescido de lucro após venda da produção. Assim:  $D' = D + \Delta D$ , onde  $\Delta D$  nada mais é do que o lucro.

No entanto, há muitas questões e problemáticas a serem colocadas aqui e algumas delas serão feitas ao longo do artigo. Uma delas e de todo evidente é o fato do lucro ( $\Delta D$ ) não ser o objetivo, mas parte do processo de reprodução do sistema: pensado pela lógica do empresário atomizado e individual é o reinvestimento, mas dentro do sistema é a sua reprodução com a consequente acumulação de capital, riqueza acumulada por meio da realização do capital.<sup>7</sup> Fica evidente que boa parte dos autodeclarados “empresários” ou “empreendedores” estão longe de realizarem a reprodução do capital ou, como empresário atomizado, individual, reinvestir. Esclarece-se dado o fato do *faturamento* mensal da grande maioria (48 milhões autodeclarados) ser tão somente *renda do trabalho informal* com não mais do que três salários-mínimos para cerca de 70% deles.<sup>8</sup>

Neste ponto pode-se colocar a questão da investigação pertinente ao artigo: a pesquisa aplicada necessita em todos os seus momentos do entendimento sistemático tanto da sociedade na qual se insere, bem como dos rumos dessa mesma sociedade e suas sustentações econômicas dentro de uma totalidade dinâmica. A não realização desse objetivo ou concreção intelectual resulta no empobrecimento da própria aplicação, da teoria, do desentendimento e até mesmo da não efetividade de uma aplicação.

### Formações da realidade como totalidade

Neste momento é importante fazer diversas colocações sobre as novas formações sociais que assume a sociedade metabolizada pela lógica

---

<sup>7</sup> Em economia chamamos realização do capital ao processo de demanda de todas as mercadorias, ao processo pelo qual a produção é devidamente escoada. Em Keynes (e na macroeconomia) ficou conhecido como o problema da demanda efetiva (Miglioli, 1981). Infelizmente na contemporaneidade – dentro, inclusive, de cursos de economia, administração e as várias áreas afins de administração, negócios e gestão – o debate econômico e das teorias da reprodução foram “esquecidos” por toscas colocações que não abarcam as totalidades e o sistema. Em outros termos, o debate econômico e os problemas de desenvolvimento e sociedade ficaram “pequenos”.

<sup>8</sup> Ver a referência aos dados em: “Brasil é o 7º país com mais empreendedores, diz pesquisa” (2022), “46% da população sonha em abrir o próprio negócio. Mas qual é o perfil do empreendedor brasileiro? Confira” (2022), “Saiba quanto um empreendedor ganha no Brasil (de verdade)” (2017).





do capital (D-M-D'). Todas essas pontuações – colocações para construir a totalidade dinâmica expressa no título e no intuito deste artigo – serão feitas em níveis discursivos diferentes dada a multiplicidade da realidade, a tessitura diversa de construção da realidade, ou melhor, das realidades. Diante de um quadro estarecedor de empobrecimento do significante e dos poderes de suas metáforas e de formações de mundos possíveis (Safatle, 2020) – e a educação em seus diversos estágios de graduação ao longo da vida de cada ser humano, cada indivíduo tem destaque nisso visto ser uma das relações sociais mais presentes em cada um de nós – tocar a palavra *realidade* (e seu ser de palavra como significante) tornou-se um desafio, pois ela foi empobrecida até se transformar em empiria, o imediato, esquecimento das realidades que se constroem à nossa volta mesmo quando nossos corpos estão existindo no tempo zero atravessando a avenida Ipiranga com a São João. Mesmo nesta referência mais do que conhecida da canção *Sampa* (Caetano Veloso) não é um atravessar do corpo empírico, pois “alguma coisa acontece no meu coração”: conjugaram-se realidades fenomênicas com o fenômeno dos sentimentos sendo estes marcados por afetos de lembranças, sonhos etc. Enfatizando: o esquecimento das realidades referido anteriormente deve ser pontuado com uma paráfrase de Lukács (1972), ou seja, não há esquecimento “inocente”.

Um primeiro nível discursivo a ser posto e dito anteriormente é que a lógica do capital não pode e nunca ocorre sozinha. Mesmo como centro metabolizador das várias instâncias e realidades sociais, precisamos entender a realidade do trabalho. Afinal esta é a condição da maioria absoluta de todos os seres humanos do planeta pouco importando, neste caso, ser mercado formal ou informal de trabalho. Assim a lógica do trabalho é representada de maneira diversa e oposta à do capital:

M – D – M

Aqui temos os seguintes significados para cada fator desta lógica. O *M* inicial é a mercadoria força de trabalho ou, simplesmente, caso se queira, mão de obra. Não é a melhor conceituação a ser dada – força de trabalho é sempre mais correta por colocar um padrão de lógica social, ou seja, o trabalho humano e sua compra na força utilizada – mas pode assim ser utilizada.



Uma lembrança é essencial: anteriormente foi referido o fato de ser o capital uma lógica ontológica, portanto, referido a uma realidade do ser social. A mesma observação é aqui aplicada: a mercadoria força de trabalho não surge do nada, ela foi produzida por anos e séculos de *desposseção*<sup>9</sup>. É preciso deixar para cada ser humano o mínimo para subsistência de forma autônoma e assim ele poderá existir apenas como possuindo braços e mente. Mesmo estes são há décadas e cada vez mais recentemente descartados por novas lógicas e tecnologias produtivas esquecendo (novamente, nenhum esquecimento é inocente) o próprio significado de técnica e tecnologia. A mecanização, automação, robotização e, contemporaneamente, o aprendizado de máquina ou a errônea expressão “inteligência artificial”, como nos lembra Miguel Nicolelis (2023), deixam menos espaço para os “braços e mente” do trabalhador. Para fazer surgir *M* (mercadoria força de trabalho) foram necessárias transformações imensas das sociedades, primeiro europeias, e depois por todo o mundo no qual se instalou a lógica produtiva do capitalismo. Exemplos para este estudo são as obras de Maurice Dobb (1981) e Edward Thompson (1987) e, claro, toda a análise de Marx espalhada em sua obra. Toda a vida social, cultural, laboral teve que ser destruída e *desposuída* para fazer surgir esta mercadoria “livre, leve e solta” no mercado de trabalho.

No caso brasileiro pode-se lembrar algumas anomalias neste sentido. Em primeiro lugar foi necessário um processo de reconversão ou de aceleração histórica (Ribeiro, 2000). O espaço geográfico que veio a configurar o Brasil, como centenas de outros espaços, surgiu para o mundo

---

<sup>9</sup> O geógrafo e grande teórico das contradições atuais do capital, David Harvey, sempre chama a atenção para essas questões, ou seja, a forma atual de gerenciamento do capital por meio da *desposseção*: uma aldeia na China, por exemplo, é *desposuída* para a expansão de empreendimentos do grande capital, um trabalhador perde (é *desposuído*) de seu posto de trabalho, pois sua formação não mais serve para as novas tarefas dos mecanismos produtivos. Neste caso, ele pode se transformar em um xenófobo (na França, Itália ou Alemanha e não por um acaso a xenofobia cresce justamente em centros/países centrais) e culpar o imigrante que foi *desposuído* de suas condições locais e forçado a migrar. Convém reter esta problemática da formação do trabalhador e suas configurações, pois estão intimamente ligadas com a educação, a educação profissional e tecnológica (EPT), a pesquisa aplicada, o pragmatismo educacional, a pesquisa como pesquisa para servir ao capital e à guerra etc. Lembrar: o artigo articula os elementos sustentando a totalidade como método imprescindível de pensar a multiplicidade da realidade.



européu ocidental posteriormente industrializado, como espaço de acumulação de riquezas ou acumulação primitiva de capital (Marx, 1985). Neste sentido não poderia haver trabalho assalariado, pois imperou aqui a escravidão por cerca de três séculos e meio. A lógica do capital (D-M-D') só funciona com a realização do capital ou com a keynesiana demanda efetiva e, para isso, é necessário mercado consumidor: uma massa de pessoas comprando, ou seja, massa salarial que se transforma em mercado consumidor. Comum na linguagem da gestão, dos gestores, de administradores, de economistas ou qualquer área dos estudos sociais e econômicos ignorar que só existe mercado consumidor se houver trabalhadores e sua lógica (M-D-M). No Brasil, surgido como espaço colonial e fornecedor de riqueza para os diversos centros exploratórios da civilização ocidental que se destacava, isso não poderia acontecer sendo espaço tomado pelo trabalho escravo no qual não há força de trabalho, não são pagos rendimentos ao trabalhador, mas sim a exploração do corpo (este é capital, investimento e, ao mesmo tempo, mercadoria), da alma e do sangue de seres humanos escravizados: os escravizados não constituem um mercado consumidor, mas consumido inteiramente como um investimento desumano.

Além desse fator na própria essência da formação brasileira, temos outros ligados essencialmente à problemática mercado interno/mercado de força de trabalho: o fim do tráfico negreiro, o declínio inexorável da escravidão e os fluxos migratórios de europeus. Estes e os escravizados libertos não poderiam tomar terras e construir sua economia. Melhor: suas economias, no plural, no sentido de múltiplas formações sociais e culturais autossuficientes e, se posteriormente integradas, não subordinadas pela enorme desigualdade social ou pela ordem do capital centralizadora e hegemônica nas camadas de realidade econômica e política. Um fator determinante como esse seria suficiente para constituir uma base salarial ou econômica, uma massa de renda do trabalho proporcionadora de enorme potencial de mercado interno. Em hipótese alguma isso poderia acontecer, pois as elites industriais que se vinham formando por meio do capital cafeeiro e seu complexo (Cano, 1977) não tencionavam assalariar trabalhadores com altos salários. Por este motivo é que se constitui em 1850 a lei de terras no Brasil impedindo escravos e migrantes – especialmente europeus neste momento – de tomarem posse da terra ao invés de vender sua força de trabalho. Sim, ao contrário das várias formas discursivas



chamadas disciplinas nas diversas áreas do conhecimento relacionadas às narratividades do econômico, cada um dos “fatores de produção” têm história e esta, como tal, é uma história marcada pelo jogo de poder e forças, sejam elas materiais, sejam simbólicas, sejam ideológicas.

Junto com as formações acima arroladas e construtoras da massa trabalhadora brasileira é de se destacar também as migrações internas, fruto de desigualdades econômicas regionais, bem como as migrações campo-cidade e os verdadeiros êxodos rurais, fruto de uma das piores distribuições de terra do mundo. As migrações internas regionais e campo-cidade sempre são mitigadas quando se tem à disposição das forças políticas projetos de construção de nação. As elites do atraso (Souza, 2017) brasileiras nunca o tiveram e quando isso se tornou possível a partir dos anos 1950 e especialmente na década de 60 foi interrompida pela contrarrevolução de 1964, destruindo todo o processo de construção nacional soberana e com forte mercado interno. O Brasil exportador e os mercados internos fracos não são meros acasos históricos: é um projeto de destruição pela subalternização aos grandes capitais.

No início deste item ficou assentado que seriam feitas algumas colocações articuladoras com a problemática deste ensaio. Mostrou-se a questão central da formação do mercado de força de trabalho. Em outros termos: a lógica do capital como D-M-D' não pode e não existe sem o M-D-M. O capital e sua estrutura social – o capitalismo – não existe sem a realização da produção na venda e esta só pode ocorrer por meio da massa salarial de trabalhadores. Desta forma são colocados ao menos dois níveis sociais ou classes sociais.<sup>10</sup> As relações sociais são também, então, relações de produção, relações de apropriação da riqueza e do seu bem-estar. A educação é uma relação social e, como tal, atravessada pelas relações sociais e de produção. A educação como forma moderna de construção de cidadãos – mas antes de qualquer coisa de trabalhadores – é educação de massas, é um *locus* no qual um dos requisitos é “esquecer” ser educação de

---

<sup>10</sup> Há quem deteste ou não aceite a ideia de classes sociais. Menos ainda que haja luta de classes e que a sociedade se configure como “bela harmonia”: no campo das platitudes acadêmicas há quem pense assim. No entanto, foi Adam Smith que colocou a questão das classes sociais dentro da teoria social e não – como muitos ignoram – Marx. Ver, por exemplo, o livro de Noam Chomsky (1999), *A minoria Próspera e a Multidão Inquieta* sobre o que não se pode falar nos EUA (e no Brasil ocorre o mesmo e em boa parte do âmbito acadêmico e vem aumentando) em termos de teoria social, ou seja, classes sociais e suas lutas.



“alguém para algum propósito”. Ao se produzir esse “esquecimento” dentro da educação e de todas as suas instâncias (desde planos educacionais, políticas educacionais até o nível mais cotidiano da relação aluno-professor) como relações sociais, de classes e de identidades, o processo educacional cumpre o requisito/função de elucubrar e elaborar formas simbólicas e ideológicas. Essa articulação da relação de classes com educação produz, então, necessidades de:

1) entender todos os processos como propostos aqui, ou seja, os enlaces de uma totalidade dinâmica e na qual a formação crítica seja um requisito de *todos* e não o privilégio exclusivo das camadas sociais possuidoras e detentoras das riquezas que formarão as elites. Neste ponto a educação se transforma em meio pelo qual as condições políticas serão eternamente reproduzidas junto com sua desigualdade. Este ponto é importante, pois é por esse meio que se infiltra um pragmatismo e utilitarismo no qual para alguns é dado o “poder de poder” e a outros uma educação apenas para o trabalho. Ou ainda pior: uma educação que é, inerentemente, pesquisa para produção de armamentos,<sup>11</sup> pesquisa de configurações geopolíticas de poder imperial;

2) dentro deste quadro de formação crítica e da totalidade dinâmica e seus enlaces ou articulações de todo o tecido social, cabe indagar: o que é pesquisa aplicada e qual a aplicabilidade? Neste caso a pesquisa para a guerra e toda uma ciência e educação para a guerra. Não há um para-si: há um para-o-capital e a configuração de uma constante economia de guerra dentro da ordem imperialista central e suas ramificações periféricas.

Dentro dessas articulações entre as relações de classe e educação, somados às proposituras dos dois pontos acima expostos, podemos açambarcar um novo nível de discursividade. Neste novo nível coloca-se a problemática do trabalho e quais seriam suas condições atuais. Com estes novos momentos teóricos, somaremos a indagação sobre a educação profissional e tecnológica (EPT). São estes aspectos que serão vistos no próximo item.

---

<sup>11</sup> Colocou-se claro ao longo da tessitura deste escrito, mas cumpre reforçar: não é objetivo deste entender o complexo industrial-militar em sua operosidade econômica, mas a lógica científica, produtora de um tipo de conhecimento e educacional em sua base. Por isso a insistência na citação inicial e seu desdobramento ao longo da passagem do filme de Nolan e – já referida – a ironia sobre a física moderna nos EUA.



## O trabalho, seu declínio e fragmentação: educação para deseducar

332

Muitas questões sobre o trabalho como objeto de estudo e como força atuante dentro da sociedade na forma de renda social, massa salarial, mercado consumidor e as fraturas do trabalho veem sendo expostas, discutidas, colocadas e lutadas (sim, pois se trata de relações sociais e luta de classes) há muito tempo. Desde a Revolução Industrial inglesa e a formação de movimentos operários, todo esse complexo de questões em torno do trabalho são debatidos. Na atualidade não é diferente. Ao contrário: com as novas transformações tecnológicas que se seguiram aos anos 1960 com a microeletrônica, a robotização, a automação de processos produtivos – anteriormente, ainda no século XIX a questão da maquinaria (Marx, 1985) – e, na atualidade, os processos digitais que atingem setores e ramos não imagináveis no passado – como os setores de serviço, por exemplo – a problemática do trabalho e seu fim continuam sendo apresentadas até as suas vísceras. Talvez – e pode ser um “talvez” muito grande, mas não nos custa pensar, questionar e problematizar como sói de ser com qualquer pesquisa e suas indagações – a maior função da educação profissional e tecnológica (EPT) seja o estabelecimento de indagações sobre a aplicabilidade das técnicas e tecnologias e o trabalho humano como força de trabalho e seus destinos como formação técnico-crítica. No caso da educação e da pesquisa para a guerra, para uma aplicação da reprodução do capital por meio do complexo industrial-militar isso é mais expressivo ainda. Para pensar esta problemática, constitui-se neste item uma nova discursividade articuladora da totalidade, porém observando as transformações econômicas mundiais e seus impactos sobre o trabalho.

Uma cena do livro de Italo Svevo (1993), *Uma Vida (Una Vita)* ilustra um pouco das transformações do mundo do trabalho que já se percebiam entre os séculos XIX e XX e, especialmente adentrando neste, com o crescimento rápido das economias monopolistas, com as grandes corporações e os monopólios. Diz-nos o escritor triestino:

Alfonso, lembrando-se da reprimenda que Sanneo lhe passara há pouco, olhou para ele, temendo que falasse com ironia, mas o rosto rosado do chefe transpirava seriedade; os olhos azuis fitavam o canto mais afastado da mesa.

– Muito obrigado – murmurou Alfonso.

– Eu que ficarei agradecido se vier amanhã à



tardinha tomar chá em minha casa.  
– Muito obrigado – repetiu Alfonso

Trata-se de mostrar a necessidade de *reconhecimento social* buscada por Alfonso. Neste caso, o reconhecimento dentro do quadro do funcionalismo empresarial já em finais do século XIX. *Uma Vida* data de 1892 e responde aos alvares do capitalismo financeiro (Hilferding, 1985) ou monopolista (Baran; Sweezy, 1974). Neste processo um tipo específico de trabalhador: é o *assalariado urbanizado médio* e não mais o *operário*. Em Kafka encontramos isso em sua própria figura de *Beamter*, “funcionário” ou “funcionário público”. Esses assalariados (*Angestellte* na Alemanha industrializada a “pancadas” no final do século XIX, tornando-se a maior potência no final do século, superando a Inglaterra) são os funcionários de banco, lojistas entre outros. Tais funcionários, desligados do operário do chão de fábrica, sonham e têm a ilusão da ascensão social e buscam o dinheiro, não em si (seria falso atribuir isso a esse trabalhador e instrumentalizá-lo com um comportamento *behaviorista*, automático), porém como parte do seu reconhecimento. Essa categoria de trabalhadores acredita-se mais perto de seus “patrões”, cercados de brilho ao qual ele também aspira. Porém, suas condições materiais são semelhantes à de qualquer outro trabalhador (Stach, 2022). Alfonso é esse funcionário, esse assalariado, e busca seu reconhecimento ao longo de todo o romance. Ele é o protótipo do trabalhador assalariado (Stach, 2022, p. 10) e nada consegue realizar em sua vida a não ser uma vida sem sentido. Lembra-se que dentro do projeto empreendido por este artigo e o estabelecimento de laços totalizantes entre teoria, aplicação e formação, está constituir o potencial crítico do mundo acadêmico e seus integrantes (em primeiro lugar alunos e professores) para construir um sujeito dentro das estruturas e não um Alfonso Nitti murmurando resignado duas vezes “muito obrigado”.

Em artigo sobre a questão do mundo do trabalho (Doti, 2022) há referência a este mundo como um processo histórico e existencial<sup>12</sup> na

---

<sup>12</sup> A expressão mundo do trabalho foi muito difundida pelo professor da Unicamp e estudioso há décadas sobre o trabalho e os destinos do trabalhador Ricardo Antunes. É importante ressaltar a diferença não possível no corpo deste artigo: ao falarmos de mundo do trabalho não se faz referência apenas ao tempo estruturado e consumido na produção. A referência é feita a todo complexo estruturado do tempo vivido pelo trabalhador, ou seja, situação do mercado de força de trabalho, legislação, condições de trabalho e de descanso, formas pelas quais o trabalhador usa seu tempo de vida



medida em que a produção capitalista e a razão que move sua lógica própria avança cada vez mais dentro de toda a produção, produzindo tudo e até a própria vida. Lukács viria a chamar este processo de *reificação* em seu clássico livro de 1923, *História e Consciência de Classe* (2003). Trata-se de um processo pelo qual tudo se torna coisa, ou melhor, não uma coisa simples: tudo se transforma em objeto-mercadoria para o capital. Por isso reificação (Honneth, 2018; Nobre, 2001), do latim *res*, coisa. A reificação é esse processo contínuo de tudo se transformar em coisas produzidas pelo capital e obscurecer a todos nós que há um *fetichismo da mercadoria* (Marx, 1985), ou seja, um feitiço da mercadoria no qual todas elas escondem suas origens produtivas: não há troca de mercadorias e destas mercadorias por dinheiro no mundo do capital e sua sociedade, o capitalismo, mas relações sociais mediadas por coisas (mercadorias) que escondem em seu âmago os processos de produção, as relações de produção que são relações sociais. A primeira dessas relações “escondidas” se dá entre capital e trabalho.<sup>13</sup>

O processo acima descrito possui diversas derivações ou teia tentacular de interpretações e conceituações sobre a existência social. Processos de “escondimento” do fazer social através de formas cada vez mais alienadas<sup>14</sup> (Marx, 2004) e produtoras de ideologias próprias, fazeres

---

ou a dominação que se exerce para além das horas trabalhadas etc. Grosseiramente sintetizando seria uma espécie de “existencialismo do trabalhador” como, de certa forma, tentou fazê-lo o filósofo Jean-Paul Sartre em *O Existencialismo é um Humanismo* (*L'Existentialisme est un Humanisme*) (1970).

<sup>13</sup> Nesse “feitiço” há muito mais ainda em termos de relações sociais fetichizadas, como o tempo de vida “roubado” pelas plataformas digitais configuradas como o tempo para ficar dentro delas cada vez mais e mais até produzir uma realidade paralela e esquizofrênica (Fisher, 2023).

<sup>14</sup> Não é lugar aqui e nem podemos nos aprofundar na multiplicidade de entendimentos desse conceito que Marx irá incorporar de Hegel, porém desvestindo-o da alienação em suas formas idealistas próprias à filosofia clássica alemã como alienação da consciência, alienação do saber e das formas de vida (moral) para colocar a alienação em seu patamar de produção social da materialidade viva, produção material econômica e, portanto, mercantilizável. É neste processo que surgem as concepções advindas de Hegel e incorporadas por Marx de *Enttäusserung*, *Entfremdung*, *Veräußerung*, todas traduzidas como alienação, mas que possuem um rigor próprio e não se coaduna com o fazer humano. Enquanto *Enttäusserung* corresponderia à *extrusão*, *exteriorização*, processo existente em qualquer ato humano de se colocar em sociedade, diferente seria *Entfremdung*, o processo de alienação propriamente dito no qual o ser humano, o produtor de si e de coisas-





ideológicos e estruturas dos indivíduos e suas consciências os quais nem mesmo imaginamos. A origem de todo este processo e dos tentáculos a estruturarem nossas vidas e consciências tem sua origem na primeira mercadoria do capital, ou melhor, a primeira mercadoria em grande escala, em escala espacial generalizada<sup>15</sup>, o trabalho humano como mercadoria. Interessante assinalar – infelizmente neste momento não poderá entrar em nossa análise, mas, ao falarmos de sociedade brasileira e seu racismo estrutural, deveria ser ato inicial, inclusive ao pensarmos em discentes e seus processos de exclusão e não inserção social dentro ou fora dos ambientes escolares – que para Achille Mbembe (2018) a primeira grande mercadoria do capital será o trabalho escravo. Pior: não simplesmente seu trabalho, a força de trabalho, todo seu corpo e sua vida serão a primeira mercadoria do capital. Ponto o qual não cabe aprofundamento neste texto, mas traz estruturas conceituais para pensarmos em toda a nossa vida na atualidade como mercadoria.

Instaura-se, então, o mundo do trabalho e sua lógica (M-D-M) brevemente descrito no item segundo deste artigo. A constituição desse processo ocorre na Inglaterra com os servos e seu trabalho realizado nos feudos, nas grandes extensões senhoriais, sendo desalojados (Dobb, 1976, Marx, 1985, cap. 24) por meio dos cercamentos das terras, as *enclosures*. Essa prática teve início ainda no século XII mas intensificou-se no período Tudor, no século XVI. Com a exclusão e expulsão deste ser ainda não sabedor do que será – nem mais servo ligado à terra, mas sem um destino para onde ir, pois terá que migrar de onde foi expulso – ele se encontrará nas cidades como pobres e mendicantes e, por vezes, trabalhador assalariado, uma mercadoria posta à venda para quem a desejar pelo menor preço uma vez que existem aos montes. Qualquer coincidência com nossos tempos atuais

---

mercadorias se perde e não encontra sentidos em nada (semelhante a condição do alienado na psicoterapia). *Veräußerung*, por sua vez, corresponderia ao ato alienado pela venda, como a venda da força de trabalho. No entanto, todas foram traduzidas como alienação perdendo muito de seus sentidos e diferenças.

<sup>15</sup> Importante assinalar o fato de ser em grande escala, pois aqui reside a especificidade do capitalismo no sentido de Braudel (1995). A troca de mercadorias mediadas ou não pelo dinheiro é um fato ou prática *transcendente* a diversas sociedades. Seu ato social e econômico se transforma em capitalismo apenas através de grandes espaços geográficos.



não é mera coincidência.<sup>16</sup> No Brasil – já bem descrito no item dois deste artigo – isso se dará de formas distintas como, por exemplo, a já citada lei de terras de 1850, a abolição da escravidão sem fixar o ex-escravizado nas terras (reforma agrária) e com a vinda de imigrantes para as fazendas de café e o complexo cafeeiro (Cano, 1977).

Porém, na mesma medida em que esses trabalhadores são formados como força de trabalho, eles serão sempre, quando for oportuno ao longo do desenvolvimento do capitalismo, desempregados, descartados: substituídos por máquinas, processos automatizados e digitalizados, como referido anteriormente. Marx abordava tal problema já em seu capítulo treze de *O Capital*, “Maquinaria e grande indústria” (1985). Por “oportuno” leia-se, quando forem um custo maior e de produtividade menor do que os processos de trabalho morto, ou seja, o capital. Referimos também que esses trabalhadores constituem, com seus salários, os mercados consumidores em larguíssima escala. No entanto, há problemas que rompem as “platitudes” e “harmonias” expostas na nota de rodapé número nove: ao diminuir o efetivo de trabalhadores/consumidores na medida em que avança o processo produtivo do capital, instaura-se outro processo que é a crise constante e inevitável, ou seja, trata-se de uma crise geral e estrutural do próprio sistema. Na atualidade esses processos avançam de maneira cada vez mais constante e por vários caminhos colocando em questão e em debate o trabalho e sua precarização cada vez maior.

Neste ponto do ensaio – após este importante resgate histórico e conceitual – podemos nos voltar para as transformações atuais e seus resultados. Vejamos quais as transformações e fragmentações ocorrem na atualidade do mundo do trabalho como objetivado no título deste item.

Com o advento da revolução industrial e, posteriormente, o avanço da maquinaria e das máquinas-ferramentas, desponta, ainda em pleno século XIX, o século de Marx, no qual o filósofo e revolucionário alemão podia verificar e teorizar, os constantes processos de substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto (trabalho humano pelo trabalho de máquinas). Ao longo do século XX e especialmente após a II Guerra, intensificando-se cada

---

<sup>16</sup> O processo pelo qual ocorrem as *enclosures* e a expulsão dos trabalhadores para as cidades é chamado por Marx de acumulação primitiva no capítulo 24 de *O Capital*. David Harvey dirá que esse processo de acumulação primitiva nunca acabou e permanece atual na forma já referida neste artigo como *desposseção* (ver nota número 8).



vez mais nas décadas de 60 em diante, teremos – anteriormente arrolado – aceleradamente processos produtivos robotizados, automatizados e digitalizados em pleno século XXI. Estruturalmente, a partir do século XIX, há um contínuo processo pelo qual a força de trabalho é substituída e deslocada de postos anteriores para o *exército industrial de reserva* (os desvalidos e excluídos da ordem formal do trabalho a cada vez mais precarizados) ou, então, em novos postos nos quais suas habilidades ainda sejam procuradas, utilizadas e produtivas. Neste pode-se estabelecer uma crítica à questão da educação atrelada a habilidades e competências, pois são tratadas como atributo do trabalhador para o mercado e não como realização de um sujeito. Em outros termos, o aluno-trabalhador é apenas uma estrutura, um objeto e não um sujeito e seus direitos de reconhecimento social. Não por outro motivo surgem os discursos da sociedade pós-industrial (Bell, 1974) e da pós-modernidade.<sup>17</sup> Neste caso da pós-modernidade teríamos todo um discurso complexo e confuso incluindo indevidamente os mais diversos autores<sup>18</sup>: este seria um discurso cuja afinidade com o da sociedade pós-industrial teria amplas redes de conexões, pois ao fim da indústria teríamos também o surgimento dos trabalhos ou empregos predominantes no setor terciário da economia (vendedores, comércio, serviços de todos os tipos etc.). Algo muito semelhante ao anteriormente referido como o *Angestelllte*, porém generalizado, inclusive em sociedades de industrialização tardia como a brasileira.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Aqui os teóricos são muitos e citamos apenas aqueles mais conhecidos e com trabalhos de expressão internacional como Jean-François Lyotard (1986) e David Harvey (2013).

<sup>18</sup> Por exemplo, há aqueles que incluem em suas críticas – indevidamente feitas – os autores pós-estruturalistas franceses como Deleuze, Guattari, Foucault, Derrida entre os pós-modernos. Isso é desmesurado, pois em primeiro lugar, a crítica ou o discurso pós-moderno é próprio de teóricos estadunidenses ligados ideologicamente a uma tradição de “fim das ideologias”, fim dos discursos revolucionários etc. São, em outros termos, pensadores ligados ao ambiente do “eterno presente da democracia liberal e do capitalismo” não percebendo desde os anos 1980 e hoje mais intensamente a crise traumática dos dois, especialmente com o recrudescimento das formas políticas do fascismo. Em segundo lugar, pensadores como Deleuze e Guattari nunca foram avessos a Marx, ao contrário: profundos leitores de Marx e das potencialidades da teoria marxiana.

<sup>19</sup> Saliente-se que em sociedades de industrialização tardia, como a brasileira, ocorreria uma *hipertrofia do terciário* com o avanço rápido nas grandes capitais a partir dos anos 1970 dos serviços de menor remuneração e degradantes do ponto de



Por outro lado e de forma muito mais intensa e traumática para o mundo do trabalho são os processos de *financeirização* do capital (Chesnais, 1996) e o avanço das medidas neoliberais sobre o Estado e sobre as empresas. Há, neste ponto, um mecanismo de “retroalimentação” – por assim dizer – entre os processos econômico-financeiros, da esfera das estruturas da realidade econômica, e aqueles das estruturas ou realidades tecnológicas.<sup>20</sup>

Abordando primeiramente a questão das estruturas financeiras e sua determinação sobre a esfera da produção teremos aqueles processos aos quais David Harvey (2013) chamará de *acumulação flexível*. São as formas pelas quais a produção em escala das grandes corporações, submetidas todas elas a uma gerência cada vez mais financeira, gestão marcada por lucros crescentes em ativos financeiros e sua especulação, tendem a buscar novos espaços produtivos, com plantas industriais enxutas, pequenas, altamente móveis pelo espaço mundial, com robotização e produção automatizada. Os modelos de gestão da produção caracterizados pelo conceito genérico de *just in time* e o aumento da quantidade de tarefas por parte dos trabalhadores bem como pela subjetividade do trabalho apropriada pelo capital por meio dos ritmos das operações, tornam-se cada vez mais intensos.

Esse processo de financeirização do capital no qual os lucros advém especialmente das atividades especulativas tem várias formas – em outros termos, os mercados de ativos financeiros tornam-se cada vez mais complexos e seus produtos requerem um sofisticado arsenal matemático e

---

vista do reconhecimento social, como o caso de empregadas domésticas, faxineiras(os), serviços gerais para o “faz tudo” entre tantos outros os quais só vemos ampliar em todo o país.

<sup>20</sup> Devido aos avanços tecnológicos promovidos pelo capital e sua sistematicidade social como capitalismo, passou-se a associar de muito perto economia com tecnologia. Em primeiro lugar essas esferas do econômico, social, político, cultural, tecnológico, educacional etc. são esferas discursivas construídas sobre a realidade com o advento do mundo moderno e intensificadas com as *fenomenologias estruturais* das diversas produções e dos discursos para os descrever. Em segundo lugar, é fundamental entender que a tecnologia esteve muito mais associada ao artesanato, por um lado (uma forma do econômico muito diversa da atualidade: trata-se de contexto histórico e cultural diversos), e à guerra, por outro. Um polímata como Leonardo da Vinci era artista, artesão e tecnólogo, pois além das formas inerentes à concepção moderna de arte (Rancière, 2021) ele exercia atividades de construtor, tal como armas, objetos cênicos entre tantos outros (Isacson, 2017).



especialistas na construção tanto de ativos como de modelos matemáticos: os *quants* – e origens. Está tanto relacionado com as rupturas nos acordos de Bretton Woods e a desvalorização do dólar no início dos anos 1970, como também às políticas neoliberais que vão tomando forma e se impondo sob governos, finanças e comércio mundial. O nome mais conhecido para este processo é *globalização* (Harvey, 2008). Afinal, a palavra *globalização* é muito mais neutra e cumpre um papel essencial em sua determinação ideológica.

Dentro deste horizonte histórico, as grandes corporações enxugam seus quadros, desmontam unidades produtivas muito grandes ou gigantes e fragmentam o processo produtivo configurando o processo de *acumulação flexível* descrito por David Harvey em *A Condição Pós-Moderna* (2013). Neste processo todo, dentro das grandes empresas, os setores e diretorias financeiras passam a ser a “joia da coroa”: cabe ao departamento financeiro das empresas, atrelados a bancos de todos os tipos, construir os maiores lucros e sem os riscos da imobilização de capital em vastas instalações. Neste cenário é que foi (e ainda o é) possível falar em fim dos empregos (Rifkin, 1995).<sup>21</sup>

Outro resultado do processo que vimos descrevendo juntamente com as novas formas de trabalho e setores da economia – uma espécie de resultado da financeirização, desenvolvimento da revolução tecno-científica, *fenomenologia* do trabalho na forma de novas profissões com cada sofisticação produtiva e migração das economias para o setor de serviços (sociedade pós-industrial) – é a fragmentação não somente técnica do trabalho, mas também sua fragmentação social: é como se a divisão social do trabalho atingisse patamares nunca antes imaginados. Essa fragmentação imensa leva, justamente, a algumas indagações e lacunas tais como: a educação profissional e tecnológica (EPT) cumpriria qual papel, formar ou apenas informar? As formas de ensinar em EPT como relação social (todo ato social é relação social e o ensinar como relação social aluno/professor é uma relação social) cumpririam qual papel: inserir habilidades e competências para um determinado escopo ou seria necessário entender também as esferas do significado da tecnologia como relação social? O discurso da falta

---

<sup>21</sup> Ver neste ponto o raciocínio desenvolvido em artigo citado (Doti, 2022) sobre o fim dos empregos dentro da lógica do capital, ou seja, dentro do quadro de geração de lucros para empresas em atendimento a demandas imensas, por exemplo, saneamento básico para todos: obras para isso atrelariam milhões de empregos, mas a qual custo se fosse seguida pela expansão do capital.



de profissionais qualificados em determinado ramo produtivo, não seria apenas mais uma das muitas configurações ideológicas? Afinal, essa qualificação requer uma limitação do saber e é útil para a lógica do mercado somente durante um tempo (Doti, 2022). A “educação para a guerra” não foge desta problemática, uma vez que – como vimos insistindo – o complexo industrial-militar tem em sua base a instrumentalização do saber, da ciência, da educação e da pesquisa: a “educação para a guerra” surge como um *arquétipo* de todas as formas de conhecimento cuja finalidade é muito clara. Permite-nos fazer essa afirmação tão peremptória não a questão produtiva do complexo industrial-militar (todo o modo de produção capitalista e sua forma sistemática o faz), mas por tratar-se de um campo interior da produção de gigantescos investimentos em pesquisa e, portanto, exigindo uma formação educacional para a guerra. “Educação para a guerra” surge neste ensaio como uma *alegoria* ao estilo de Walter Benjamin, ou *metáfora* das formas de educação subordinadas absolutamente ao capital: pragmática e exigindo apenas operações de aumento e acumulação de capital até mesmo em seu linguajar (não se é mais *professor* e sim “facilitador”, o metrô de São Paulo tem “cliente” e não *passageiros* e os exemplos são imensos).

Com este quadro de questionamentos derivado de todo o processo histórico e econômico demonstrado, surge a indagação sobre o trabalho, seu fim e qual o papel do processo formativo: formação como a clássica *Bildung* alemã ou o *arquétipo* de todo o pragmatismo educacional, a “educação para a guerra” e seus imensos respingos dentro da educação profissional, por exemplo – ainda mais o *pensar a educação* com os avanços gigantes da extrema-direita ou simplesmente os fascistas.

### Considerações finais

Dentro do apresentado neste artigo seriam ainda possíveis outras “voltas” intelectuais dentro das relações sociais essenciais para qualquer formação social que são aquelas referentes à educação e à “educação para a guerra” como vimos chamando. Por exemplo, ainda que tenhamos apresentado a lógica-ontológica do capital (D-M-D’), não se expressou ser esta lógica marcada por diferenças históricas de cada formação sociocultural, para usar uma expressão de Darcy Ribeiro (2000) apoiada em Marx. Em cada sociedade essa operação ocorre de maneiras diversas dadas as condições políticas, por exemplo. Mais: essa lógica possui gerenciamentos diversos em



sua reprodução global como a questão expressa anteriormente sobre a acumulação flexível. No entanto, não poderíamos detalhar mais do que o proposto aqui.

Portanto cabe destacar dois pontos objetivados por este ensaio e cujo resultado acreditamos ter obtido.

Em primeiro lugar, foi objetivo central mostrar como a questão da pesquisa científica pragmática e educação são partes integrantes de múltiplas articulações. Compreender essas articulações é inserir-se no campo, espectro ou ainda dentro do discurso indagativo e problematizador de uma totalização – neste caso convém perceber a palavra expressando processo. A partir desta, permitir que se articule uma totalidade dinâmica: sempre contestadora, sempre colocando juízos em suspenso, sempre produzindo críticas. É precisamente a esse resultado que se nomeia como formação intelectual e acadêmica. Afinal, talvez, as pessoas queiram mais do que “uma casa e dois carros”.

Por fim propusemos determinadas prosseguções metodológicas e processuais – lembrando e alertando sempre que a totalidade como totalização é método e procedimento metodológico. Para que fossem atingidas tornou-se necessário o panorama da sociedade movimentada ou metabolizada pelas lógicas do capital, o significado do trabalho/trabalhador, a colocação das questões de classe e o papel especial da educação como formação.

## Referências

- 46% DA POPULAÇÃO SONHA EM ABRIR O PRÓPRIO NEGÓCIO. MAS QUAL É O PERFIL DO EMPREENDEDOR BRASILEIRO? CONFIRA. Disponível em: < <https://www.seudinheiro.com/2022/empresas/46-por-cento-da-populacao-sonha-em-abrir-o-proprio-negocio-mas-qual-e-o-perfil-do-empendedor-brasileiro-confira-lils>> Acesso em: 10 ago. 2023.
- ARRIGHI Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo.** São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- BRASIL É O 7º PAÍS COM MAIS EMPREENDEDORES, DIZ PESQUISA. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/economia/brasil-e-o-7o-pais-com-mais-empendedores-diz-pesquisa>> Acesso em: 10 ago. 2023.
- BARAN, Paul; SWEEZY, Paul Marlor. **Capitalismo monopolista.** Rio de Janeiro: Zahar, 1974.



- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII, as estruturas do cotidiano**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CANO, Wilson. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. São Paulo: DIFEL, 1977.
- CHESNAIS, François. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHOMSKY, Noam. **A minoria próspera e a multidão inquieta**. 2 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.
- DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- DOTI, Marcelo Micke. Sociedade do trabalho e sua crise: onde estão os paradoxos. In: **XVII Simpósio dos Programas de Mestrado Profissional Unidade de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa: educação, trabalho e produção sustentável**. Disponível em: <<http://www.pos.cps.sp.gov.br/files/artigo/file/1241/65f942326af9e6437985320f0ac0df46.pdf>> Acesso em 27 dez. 2022.
- FISHER, Max. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramam nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.
- HARVEY, David. **Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_ **A condição pós-moderna**. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- HILFERDING, Rudolf. **O capital financeiro**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HONNETH, Axel. **Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- KANT, Immanuel. **O conflito das faculdades**. Petrópolis: Vozes, 2021.
- LUKÁCS, Georg. **El asalto a la razón: la trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler**. 3 ed. Barcelona-México: Edições Grijalbo, 1972.
- \_\_\_\_\_ **Per l'ontologia dell'essere sociale**. Roma: Riuniti, 1981.
- \_\_\_\_\_ **História e consciência de classe: estudos sobre dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I, O processo de produção do capital (Tomo 1). São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- \_\_\_\_\_ **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.





- MIGLIOLI, Jorge. **Acumulação de capital e demanda efetiva**. São Paulo: T.A. Quiroz Editora, 1981.
- NICOLELIS, Miguel. IA não é inteligência e sim marketing para explorar trabalho humano, diz Nicolelis. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 jul. 2023. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/07/ia-nao-e-inteligencia-e-sim-marketing-para-explorar-trabalho-humano-diz-nicolelis.shtml>> Acesso em: 8 jul. 2023.
- NOBRE, Marcos. **Lukács e os limites da reificação**: um estudo sobre *História e Consciência de Classe*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. **Aisthesis**: cenas do regime estético da arte. São Paulo: Editora 34, 2021.
- RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**: etapas da evolução sociocultural. São Paulo: Publifolha, 2000.
- RIFKIN, J. **O fim dos empregos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- SAIBA QUANTO UM EMPREENDEDOR GANHA NO BRASIL (DE VERDADE). Disponível em: < <https://exame.com/pme/saiba-quanto-um-empendedor-ganha-no-brasil-de-verdade>> Acesso em: 08 ago. 2023.
- SAFATLE, Vladimir. **Maneiras de transformar mundos**: Lacan, política e emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SARTRE, Jean-Paul. **L'existencialisme est un humanisme**. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- STACH, Reiner. **Kafka**: os anos decisivos. São Paulo: Todavia, 2022.
- SVEVO, Italo. **Uma vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- THE DOORS. Oliver Stone. Studiocanal, Tri Star Pictures e Carolco. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1991. Amazon Primevideo.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 3 vols. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1987.

Recebido em 08 jun. 2024 | Aceito em 30 jun. 2024.

